# Corrida aos testamentos a partir dos 40 anos

Sofia Oliveira com Vanda Marques

Por causa da pandemia, há cada vez mais pessoas a procurarem um notário para dividirem o seu património. Até ao final de novembro crescimento em relação a 2020 era já de 12%.
Com 40 anos, Cátia deu por si a fazer algo que nunca imaginou: a planear um testamento. A pandemia acelerou-lhe as preocupações. É que não pode receber a segunda dose da vacina contra a Covid-19, porque da primeira vez teve efeitos secundários graves, como sintomas de enfarte. “Tenho medo de que algo me aconteça e isto não é um medo infundado. Não me sinto protegida pelo Estado e quero salvaguardar o meu filho”, diz à **SÁBADO**.



Cátia tem um filho de 18 anos e uma irmã menor, por isso vai fazer um testamento para salvaguardar a família

Cátia Paião tem duas preocupações: o filho de 18 anos e a irmã menor. “Quero deixar ao meu filho uma sugestão de gestão dos bens, para que ele não perca nada e fique com um esquema claro do que existe. Quero que ele pague as dívidas todas de uma vez só e assegure que a minha irmã recebe uma percentagem”, diz a administrativa, viúva há 15 anos.

Cátia quer deixar tudo claro, quer sejam os imóveis que detém e até os outros bens móveis. Confessa que foi no ano passado que começou a pensar seriamente em tratar disso e que vai fazer o testamento em 2022. Cátia reflete uma tendência crescente: o aumento de procura de testamentos, sobretudo entre os mais jovens. Antes era uma preocupação que surgia depois dos 60 anos.

Agora são cada vez mais novos, sobretudo em profissões como médicos ou enfermeiros. Os números falam por si. A jurista Cândida Alcântara confirma à **SÁBADO** que, em 2020, foram comunicados aos Registos Centrais 27.046 testamentos, e que até ao fim de novembro de 2021 foram feitos 31.058, o que representa um crescimento de 12%. Já entre 2019 e 2021 houve um crescimento de 18%.

Jorge Batista Silva, bastonário da Ordem dos Notários, confirma que existe um aumento dos pedidos para testamentos que se pode relacionar com a pandemia. Refere que as pessoas que mais pedem para fazer testamentos são as que estão mais sujeitas a apanhar a doença ou que apresentam condições físicas de risco. O bastonário sublinha também que até o número de procurações aumentou nos últimos dias e que os pedidos cresceram a partir de outubro. “Em 2021 já foi batido o número máximo de testamentos desde 1993 (até onde consegui recuar nas estatísticas)”, garante.

Cândida Alcântara sublinha ainda que existe um aumento dos pedidos por pessoas com profissões de risco, como médicos e enfermeiros. “A preocupação com uma doença ou morte inesperada ou até com a impossibilidade de realizar o testamento, porque estão confinados ou internados em local inacessível para os notários, leva a que as pessoas tenham cada vez mais urgência na formalização do testamento perante o notário.”

Jorge Batista Silva recorda-se de vários casos de casais de médicos que se mostravam muito preocupados com acelerar o processo para deixarem os testamentos feitos. “O que se notava muito era uma certa ansiedade de que aquilo ficasse feito, principalmente no princípio da pandemia. Queriam ter aquilo resolvido rapidamente, com a pressão psicológica de que alguma coisa lhes podia acontecer,” conta.

Nas faixas etárias mais jovens, **a advogada Joana Duarte** explica que os que mais procuram a criação de testamentos são na maioria “pessoas com maior formação académica, especialmente profissões jurídicas ou cargos de gestão e administração”.

**Novos métodos**
Quartéis de bombeiros, praças, jardins ou até ao postigo da janela – vale quase tudo para conseguir transmitir os últimos desejos sobre as partilhas do património. Os notários viram a sua profissão tornar-se muito mais complexa por causa da pandemia. Muitos tiveram de se deslocar a lares e hospitais e vestir o equipamento de segurança para garantir que os últimos desejos eram respeitados em testamento.

"Fiz um testamento em que a pessoa tinha que estar a mais de 20 metros de mim. Lembro-me de haver fotografias de colegas a fazerem testamentos em praças de municípios, quartéis de bombeiros", explica o bastonário. Cândida Alcântara refere que se realizaram testamentos "à janela, ao postigo, no jardim, desde que seja possível preservar a confidencialidade do teor do ato ou o testador abdique da confidencialidade".

Os especialistas garantem que nos últimos dois anos a atitude das pessoas em relação à morte tem vindo a mudar. "A pandemia veio alterar esta premissa. Atualmente, fruto do confronto com uma situação de saúde pública calamitosa e, por inerência, com a morte, há uma preocupação crescente com o destino do património de cada um, o que se verifica, efetivamente, pelo aumento do recurso à realização de testamentos em idades a partir dos 45 anos", diz a **advogada Joana Duarte.**

A tendência é generalizada e não é exclusiva de Portugal. As empresas norte-americanas de cuidados da terceira idade, Caring.com e a YouGov, fizeram uma pesquisa em 2021 e descobriram que o desejo das pessoas para fazer testamentos tinha aumentado cerca de 35% nos EUA.

Os motivos para fazer um testamento não mudaram, apenas surgiram mais razões. Os principais estão relacionados com a segurança da família, como sublinha a jurista Cândida Alcântara e destaca a proteção da mulher ou do marido. "Por essa razão é bastante comum a marcação de testamentos dos casais no mesmo dia." Outro motivo é evitar litígios entre os herdeiros.

No entanto, tem surgido outra questão: o que acontece aos animais de estimação quando os donos morrem? "Nos últimos anos, verifica-se cada vez mais a preocupação com os seus animais de estimação e a consequente estipulação de cláusulas que visam assegurar que sejam bem cuidados após a morte do dono." As cláusulas podem envolver uma certa quantia em dinheiro ou deixá-los a cargo de outra pessoa, designada pelo próprio, que cuide do animal", explica a jurista.